

IRMÃ ANA: MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA OCTOGENÁRIA NA PARAÍBA

SISTER ANA: MEMORIES OF AN OCTOGENARY EDUCATOR IN PARAÍBA

**HERMANA ANA: MEMORIAS DE UNA EDUCADORA OCTOGENARIA EN
PARAÍBA**

Iolanda de Sousa Barreto

iolandasbarreto@gmail.com

Doutora em Educação – UFPB

Orientadora Educacional da Prefeitura Municipal de João Pessoa

Jorilene Barros da Silva Gomes

jorilene.jp@hotmail.com

Doutora em Educação - UFPB

Professora da Escola Normal Estadual de Ensino Fundamental e Médio Anísio
Pereira Borges

Charlton José dos Santos Machado

charltonlara@yahoo.com.br

Doutora em Educação - UFRN

Professora na Universidade Federal da Paraíba

Fabiana Sena

fabianasena@yahoo.com.br

Doutora em Letras - UFPB

Professora na Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este trabalho tem como o objetivo é analisar a prática educativa de Irmã Ana, sobretudo no que concerne à formação de professores, desencadeada pelo Curso Normal do CNFM, no período de 1962 a 2015. O estudo aqui apresentado toma por suportes metodológicos a História Oral e a abordagem (auto)biográfica, lançando luz, ainda, sobre a contribuição das fotografias enquanto fontes documentais para a pesquisa historiográfica. A escolha por este sujeito de estudo justifica-se por Irmã Ana ser uma figura emblemática na História da Educação de Catolé do Rocha, município do alto sertão paraibano, tendo atuado de 1962 até 2015, no Colégio Normal Francisca Mendes, sobretudo junto a formação de

professores, como professora e coordenadora do Curso Normal. O reconhecimento da importância do registro da memória feminina é uma questão fundamental na historiografia contemporânea e a abordagem (auto) biográfica, em sua prática do desvio, tem possibilitado a inscrição do nome de muitas mulheres na escrita da história, atestando seus protagonismos em seus espaços-tempo.

Palavras chave: Educadora. Memória. Paraíba.

ABSTRACT

This work aims to analyze the educational practice of Sister Ana, especially with regard to teacher training, triggered by the Normal Course of the CNFM, from 1962 to 2015. The study presented here takes Oral History and the (auto) biographical approach, also shedding light on the contribution of photographs as documentary sources for historiographical research. The choice for this study subject is justified by Sister Ana being an emblematic figure in the History of Education of Catolé do Rocha, a municipality in the upper sertão of Paraíba, having worked from 1962 to 2015, at Colégio Normal Francisca Mendes, especially with the formation of teachers, as a teacher and coordinator of the Normal Course. Recognition of the importance of recording female memory is a fundamental issue in contemporary historiography and the (auto) biographical approach, in its practice of deviation, has made it possible to inscribe the name of many women in the writing of history, attesting to their role in their spaces-time.

Keywords: Educator. Memory. Paraíba.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar la práctica educativa de Sor Ana, especialmente en lo que respecta a la formación docente, desencadenada por el Curso Normal del CNFM, de 1962 a 2015. El estudio que aquí se presenta toma Historia Oral y el enfoque (auto) biográfico, arrojando también luz sobre el aporte de la fotografía como fuente documental para la investigación historiográfica. La elección de esta asignatura de estudio se justifica por el hecho de que Sor Ana es una figura emblemática en la Historia de la Educación de Catolé do Rocha, municipio del sertão alto de Paraíba, habiendo trabajado desde 1962 hasta 2015, en el Colégio Normal Francisca Mendes, especialmente con la formación de docentes, como docente y coordinador del Curso Normal. El reconocimiento de la importancia del registro de la memoria femenina es un tema fundamental en la historiografía contemporánea y el enfoque (auto) biográfico, en su práctica de la desviación, ha permitido inscribir el nombre de muchas mujeres en la escritura de la historia, dando fe de su rol en sus espacios-hora.

Palabras clave: Educador. Memória. Paraíba.

INTRODUÇÃO

Os fundamentos da Nova História Cultural¹ expressam uma mudança de concepção frente à ótica clássica tradicional, propondo, entre outros aspectos, o estudo referente à diversidade de experiências socioculturais em suas especificidades. Esta nova dimensão, conforme Sharpe (1992, p. 59): “proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado em tê-la perdido [...]”. Dessa forma, na atualidade, têm-se focado um estudo social e cultural que parte do micro para o macro², ou seja, valoriza e investiga a experiência de vida de pessoas comuns que verdadeiramente se constituem como sujeitos reais da história por participarem ativamente da construção das relações sociais coletivas em seus contextos sócio-históricos. Neste sentido, Pollak (1989, p.02), alerta que “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante de culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória Oficial”, no caso a memória nacional”. Para narrar a história de sujeitos, tomando como a história oral para dar visibilidade a memória de um tempo, este trabalho focaliza uma educadora e

¹ Configuração historiográfica emergida nas últimas décadas do século XX e forjada pela Escola dos Annales, sobretudo por sua terceira geração. A Nova História Cultural esmigalha a História, ou seja, transforma-a em histórias, decompondo o saber histórico e opondo-se à perspectiva globalizante. (DOSSE, 2003, p. 371).

² Com a Nova História Cultural tem início um movimento entre os historiadores quanto ao interesse pelas análises microssociais, passando-se à utilização de um novo método, chamado de “microscópio social” ou “micro-história.” (BURKE, 2012, p.68). O método, apesar de partir do estudo de casos específicos, busca demonstrar suas relações com as tendências macro históricas. A década de 1980 foi marcada por uma série de debates referentes às escalas de observação e de estudo no campo historiográfico. Neste sentido, compreendemos a existência de diversos trabalhos que coadunam na produção do conhecimento, seja ele a partir da microanálise ou das concepções macro, de longa duração que permitem aos pesquisadores compreenderem a relação entre o espaço e o tempo a partir de outros olhares.

religiosa do sertão paraibano: Maria Fernandes de Queiroga (Irmã Ana³), por entender que suas memórias podem fornecer indícios, quando não facetadas da complexidade sócio-histórico-cultural e educacional de um passado recente.

A escolha por este sujeito de estudo justifica-se por Irmã Ana ser uma figura emblemática na História da Educação de Catolé do Rocha, município do alto sertão paraibano, tendo atuado de 1962 até 2015, no Colégio Normal Francisca Mendes, sobretudo junto a formação de professores, como professora e coordenadora do Curso Normal. Este curso teve suas atividades encerradas em razão da falta de procura da população do entorno. Porém, nos dias de hoje ainda é possível encontrar a referida educadora, mesmo em idade avançada, dedicando ativamente à ação educativa em seu lugar institucional, o Colégio Normal Francisca Mendes (CNFM), ao coordenar o ensino religioso nele ministrado e com a administração geral do colégio.

Para tanto, formulamos a seguinte questão norteadora: Qual foi a prática educativa de Irmã Ana, sobretudo no que concerne à formação de professores, desencadeada pelo Curso Normal do CNFM, no período de 1962 a 2015? Assim, o objetivo é analisar a prática educativa de Irmã Ana, sobretudo no que concerne à formação de professores, desencadeada pelo Curso Normal do CNFM, no período de 1962 a 2015. O estudo aqui apresentado toma por suportes metodológicos a História Oral e a abordagem (auto)biográfica, lançando luz, ainda, sobre a contribuição das fotografias enquanto fontes documentais para a pesquisa historiográfica.

Ao pensar o “lugar social” de Irmã Ana (CERTEAU, 2002, p. 86) se faz necessário estabelecer um questionamento sobre os aspectos de sua fala enquanto detentora de uma memória de um dado momento histórico. Para Pollak (1989) a memória individual e coletiva é constituída a partir de alguns fatores, entre eles: os elementos vividos pessoalmente (sozinhos) e os fatos *vividos por*

³Ir. M. Ana OSF: nome designado pela congregação religiosa da qual faz parte: a Ordem de São Francisco (OSF). O termo Irmã Ana será utilizado no corpo do texto como referência à Maria Fernandes de Queiroga.

tabela, ou seja, aqueles compartilhados em grupo. Sendo assim, não se pode analisar o discurso de Irmã Ana sem refletir sobre o seu lugar como mulher, constituída em uma sociedade patriarcal, freira e profissional da educação em relação ao seu grupo social.

Segundo Halbwachs (2004) as lembranças são constituídas a partir de um dado momento histórico e elas podem ser “reconstruídas” ou simuladas, dependendo do interlocutor. Para o autor, a lembrança (memória) é um conjunto de informações que perpassam por uma coletividade, pois não existe recordação que seja fruto apenas da imaginação, uma vez que as memórias partem de uma construção coletiva e individual que dialogam entre o passado e o presente. Assim, entendemos que, a partir de Halbwachs e Pollak, a memória por mais que pareça um acontecimento individual está intrinsecamente conectada com o grupo que o sujeito está inserido.

A partir da simbiose da memória coletiva e individual compreende-se também que as lembranças possibilitam a solidificação da identidade, do sentimento de pertença, neste caso do sentimento de pertença de Irmã Ana ao Colégio Normal Francisca Mendes. Sendo assim, ao perscrutar sobre a biografada passa-se a compreender uma gama de teias históricas, relacionadas à organização social e educacional de seu espaço-tempo, assim como também aos seus diversos grupos-referência⁴, sobretudo a família, a Igreja Católica e as Irmãs Franciscanas de Dilingen. Um exemplo pode ser destacado quando, em momento de entrevista, irmã Ana rememora um fato do passado do lugar, uma situação de intolerância dos católicos para com os protestantes, tendo aqueles destruído a igreja destes. Na ocasião da entrevista, foi perscrutado mais sobre o assunto, mas ela silenciou, como se observa no trecho a seguir:

Entrevistadora: Como assim? Derrubaram a igreja?

Entrevistada: Não derrubaram a igreja toda, mas

⁴ Tal como conceitua Gabriel (2011, p. 49): “Entendo por grupos-referência os grupos a que pertencemos desde a mais tenra idade, como a família, a escola, a comunidade, a igreja, dentre outros. Esses grupos estruturam a nossa forma de ser, de pensar e de agir e são referências em nossas vidas para as múltiplas situações com que nos deparamos no contexto social.”.

estragaram muita coisa.

Entrevistadora: Eles que derrubaram ou derrubaram a deles?

Entrevistada: Não, os católicos que agrediram.

Entrevistadora: Foi mesmo, Irmã? Não sabia desse fato.

Entrevistada: Isso eu era muito pequena, não sabe, não dá para... (Entrevista em 27/06/2017).

Ressaltamos que este trabalho não intenciona entender as falas da biografada como verdades absolutas, afinal compreende-se que as assertivas são resultado direto dos enquadramentos da memória, ou seja, de “negociações” entre a memória coletiva e a individual. Segundo Pollak (1989) em diversos momentos as lembranças são reprimidas em função das memórias coletivas (ditas oficiais). Desta forma, se “cria” o “não-dito”, histórias que foram silenciadas conscientemente ou não, por um “jogo” dominante que ocorre silenciosamente no convívio entre os grupos.

Portanto, a pesquisa acerca de Irmã Ana também considera o entendimento da construção da memória como lugar de embates silenciosos. As memórias “subterrâneas” podem revelar aquilo que uma lembrança consolidada tentou esquecer ou apagar. É necessário o pesquisador estar atento para perceber:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa uma mesma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar ou impor (POLLAK, 1989, p. 06).

O silêncio, nesse caso do embate entre católicos e protestantes da cidade de Catolé do Rocha, pode realmente significar o desconhecimento com relação a maiores informações sobre um fato que faz parte do passado da cidade. Pode também significar um receio de se estender num assunto incômodo, uma verdade que macula o registro da convivência entre os dois grupos religiosos na localidade e que se deseja apagar na história e na memória. Importa, assim, destacar que toda memória tem um lugar e, em algum momento, reivindicará por seu espaço.

Entender o narrador e o seu lugar, neste caso Irmã Ana e a Igreja Católica, é compreendê-los como espaço de memórias que podem dialogar e convergir entre si. Analisá-los requer cuidados, pois perscrutar sobre histórias de vida pode levantar tensões que o interlocutor não deseja, de modo que os silêncios neste trabalho também serão considerados, pois compreende-se que as omissões sobre os embates sociais de um dado espaço-tempo podem ser relevantes para o conhecimento histórico.

As lembranças e os esquecimentos constituem o “mesmo corpus”. Onde existe lembrança, existe esquecimento e, os ditos e os não-ditos podem ser intencionais, fabricados para invalidar ou validar os fatos históricos. É importante destacar aqui a comunhão com a ideia do respeito ao silêncio dos entrevistados, sendo, porém, necessário o olhar atento, pois conhecer e inferir sobre a transcorrida parte do presente e das inúmeras imbricações que o sujeito tem com o seu grupo, o seu lugar social e o seu eu.

Inquirir sobre Irmã Ana é perceber que a sua memória pode ser influenciada por diversos fatores como também por outras memórias, ou seja, por outros sujeitos que marcaram a vida desta professora e a constituíram, pois para Halbwachs:

A memória individual não está inteiramente isolada, fechada num homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade. Mas, ainda o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 2004, p. 58).

É possível refletir sobre a assertiva de Halbwachs a partir de um trecho da narrativa de Irmã Ana em que discorre sobre a viagem de deslocamento de sua família, da terra Natal, Antenor Navarro-PB (atualmente denominada de São João do Rio do Peixe) para Catolé do Rocha-PB, onde o pai assumiu um emprego federal nos Correios e Telégrafos:

Tenho muita recordação da **nossa grande viagem** de transferência para Catolé do Rocha. Caminhão de cabine aberta, aonde mãe e nós

menores vínhamos sentados, meu pai já tinha vindo bem antes, meu irmão mais velho veio nos acompanhando, mas não iria morar conosco, pois iria se casar. Em cima do caminhão vinha toda a nossa bagagem e possivelmente os irmãos maiores. (Ir. MAFQ. Dados (auto)biográficos, 2016. Grifos nossos.)

Na época da viagem, no ano de 1941, Irmã Ana contava os seus cinco anos de idade, o que induz a refletir que essa memória descrita, provavelmente, fora construída a partir do convívio familiar, dos relatos sucessivos dos pais e irmãos mais velhos. É um exemplo que também ilustra o pensamento de Pollack, segundo o qual a memória deveria ser compreendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo, o que implica estar sujeita a “flutuações”, “transformações”, “mudanças constantes”. (POLLACK, 1992, p.200-212)

História oral: depoimentos de memória ou documentos para a história

A História Oral utilizada na pesquisa (auto)biográfica por meio das entrevistas narrativas (gravadas em áudio ou em vídeo) tem se configurado em profícuo método na historiografia moderna. As narrativas são frutos do conteúdo da memória, não rara carregada de intencionalidade e interferências do presente e, sempre descontínua e lacunar, haja vista que nunca será possível recuperar o vivido em sua totalidade. Contudo, preservam lembranças que, sobrevivendo à passagem do tempo, podem revelar contradições entre o que foi escrito e o que foi realmente vivido na história, que, de acordo com Pollak (1989, p. 03):

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. (1989, p.03).

A História Oral tem sido, dessa forma, valorizada na pesquisa historiográfica contemporânea por possibilitar que atores sociais que ao mesmo tempo atuam/atuaram e sofrem/sofreram a influência das sociedades e do tempo histórico em que estão/estiveram inscritos possam falar com a sua própria voz,

desencadeando impressões e representações. Para Meihy (1996, p.10), a fonte oral essencialmente é “[...] uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. Assim, as histórias narradas são fecundas, porque rememorar um fato, um acontecimento, não raro desencadeia novas memórias que remetem a outras histórias, que por sua vez, levam a outras, num contínuo movimento. Walter Benjamin (1993, p. 224) destaca que: “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”.

Os relatos orais e depoimentos de memória fornecem indícios, quando não revelações de facetas socioculturais, assim como relações de poder e de outra ordem, estabelecidas em diversos contextos históricos. Contudo, nem sempre expressam uma ruptura com o discurso oficial, ao contrário, muitas vezes expressam um fiel condicionamento a este, sendo passível de análise, o dito e o não-dito nas entrelinhas. Segundo Pollak (1989, p.03):

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante.

Apesar da historiografia oficial durante muito tempo ter priorizado como modelo de fonte os documentos escritos, os relatos orais ou depoimentos de memória têm demonstrado o seu inerente caráter científico, constituindo-se, na atualidade, igualmente fonte documental para a história. São tão confiáveis quanto as fontes escritas, pois afinal, como afirma Camargo (2004, p. 13): “[...]a história oral é legítima como fonte porque não induz a mais erros do que outras fontes documentais e históricas. O conteúdo de uma correspondência não é menos sujeito a distorções factuais do que uma entrevista gravada”. Nesse sentido, é válida a premissa de que as narrativas da Irmã Ana são fontes importantes para a compreensão da memória dentro das tessituras históricas.

Tomando-se por referência as memórias dessa educadora do sertão paraibano, é possível depreender que a narrativa memorialista desenvolvida por meio da História Oral não se constitui apenas como patrimônio singular a cada sujeito histórico, ela cumpre um papel social que é o de transmitir às novas gerações o legado de um passado que deu origem ao presente, constituindo-se, assim, o patrimônio de uma coletividade, como documento para a história. A Constituição Federal, em seu artigo 216, de 1988, estabelece como patrimônio cultural brasileiro:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. As formas de expressão;
 - II. Os modos de criar, fazer e viver;
 - III. As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
 - IV. As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
 - V. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
- (BRASIL, CF, art. 216)

Com o entendimento de que patrimônio é tudo aquilo que tem valor, pode-se afirmar, contudo, que não é cada vida em particular que interessa à história, mas a vida que é significativa pelo que ela tem de específico e, ao mesmo tempo, próprio a um grupo em determinado espaço-tempo, determinado por conjunturas culturais e representando o 'espírito de uma época'. (CARINO, 1999, p. 173).

Dessa forma, a história de vida de educadores/as, vem, na atualidade, constituindo-se como campo de valor e de interesse de uma historiografia renovada e a narrativa de vida de Irmã Ana (Figura 1), além de permitir o registro histórico do papel desta educadora na construção e circulação de saberes e práticas educacionais na localidade em que tem estado inserida, poderá fornecer elementos, vestígios e fontes que possibilitem compreender a organização sociocultural e educacional catoleense a partir de meados do século XX à atualidade, revelando o imbricamento de diversos elementos nas representações

individuais e coletivas, nesse contexto sócio-histórico particular, contribuindo, assim, com a constituição do campo da História da Educação Paraibana.

Figura 1: Irmã Ana na atualidade. Foto sem data. Catolé do Rocha-PB.



Fonte: Acervo do Colégio Normal Francisca Mendes

O valor de uma história de vida

Maria Fernandes de Queiroga, décima filha do casal João Adelino de Queiroga e Ana Fernandes de Queiroga, nasce em 03 de fevereiro de 1936, em Antenor Navarro (atual São João do Rio do Peixe), município do sertão paraibano, onde vive até setembro de 1941, época em que se desloca com a família para Catolé do Rocha. Sobre a sua infância em Antenor Navarro, em seus dados (auto) biográficos, Irmã Ana rememora:

Apesar de muito criança, ainda lembro da minha primeira infância vivida em Antenor Navarro. A casa onde nasci, muito simples,

aconchegante porque ali morava minha família querida. Vivíamos na alegria e simplicidade de uma família sertaneja, amando-nos mutuamente. Minha mãe, mulher laboriosa, além dos trabalhos domésticos ajudava a manter a casa pelos trabalhos de costura que fazia, enquanto meu pai, apesar de ser agricultor nato, teve de diminuir esse trabalho ao assumir um emprego federal nos Correios e Telégrafos. (Ir. MAFQ. Dados (auto) biográficos, 2016).

A família fixa-se no município de Catolé do Rocha, localidade onde Irmã Ana cresce e faz todo o Curso Primário no Grupo Escolar Antônio Gomes (lugar inexistente na atualidade e em cujo prédio reformado, funciona a Prefeitura Municipal). Sobre os primeiros anos escolares registra:

Aos seis anos de idade comecei minha formação educacional em escolas, pois a formação educacional se começa em casa. Segundo Piaget, aos seis meses no ventre materno já começa o desenvolvimento cognitivo. Foi no antigo Grupo Escolar Antônio Gomes, que iniciei os meus estudos ditos na época “curso primário”. [...] Minha primeira professora, bem conhecida minha, Madrinha Zulmira Pires Fernandes. [...] Lembro-me que aprendi a escrever cobrindo as letras feitas no caderno pela professora. Nem sei como aprendi a ler, sei apenas que nunca aprendi a soletrar, por isso penso que não foi esse o método da minha querida professora. (Ir. MAFQ. Dados (auto) biográficos, 2016).

Após as experiências do Curso Primário, Irmã Ana realiza o então chamado, à época, Exame de Admissão, condição para estudar na então Escola Normal Dona Francisca Henriques Mendes, instituição onde cursa o Normal Regional de quatro anos e onde passa a conviver com as Irmãs Franciscanas de Dillingen, religiosas alemãs e fundadoras da escola.⁵

No ano de 1952, Irmã Ana conclui o Curso Norma regional. Aos dezesseis anos de idade, muito jovem, como comprova a fotografia da época (Figura 2), conclui a formação de professora primária, o que não significava, contudo, a possibilidade de imediata atuação. Contudo, as jovens professoras recebiam uma educação sólida, incluindo além da formação específica, conhecimentos em artes, música e literatura e trabalhos manuais, dentre outros, difundidos pelas freiras

⁵ Para conhecer mais sobre o Colégio Normal Francisca Mendes, consultar SOUSA, Maria Cleide Soares de. Dissertação COLÉGIO NORMAL FRANCISCA MENDES; CAMINHOS DA ESCOLA NORMAL EM CATOLÉ DO ROCHA/PB – 1939 A 1959. Arquivo digital, Biblioteca Central UFPB, 2012.

alemãs. Sobre esse período de sua vida, em seus dados (auto) biográficos, ela destaca:

Fazer o Curso Normal naquela época, em Catolé do Rocha, era o máximo que uma jovem poderia conseguir para a sua formação intelectual, religiosa, humana. Nossas mestras nos transmitiam valores que jamais se apagarão da vida de cada uma. A formação recebida nos despertou para o gosto pelo magistério (Ir. MAFQ. Dados (auto) biográficos, 2016).

Figura 2: Irmã Ana na formatura do Curso Normal Regional. Catolé do Rocha-PB, 1952.



Fonte: Arquivo de Irmã Ana

No ano de 1955, após algumas experiências profissionais, como professora substituta no CNFM, como auxiliar em casa comercial de roupas para homens e outros convites não aceitos, como para a vaga de caixa numa firma de uma fábrica em Catolé e para trabalhar no cartório do 2º Ofício, realiza, enfim, o seu grande desejo: assumir uma vaga de professora na Escola Normal Dona Francisca Henriques Mendes. Leciona por três anos no 2º ano primário até ingressar como candidata à vida religiosa, aos vinte e dois anos de idade, no Convento das Franciscanas de Dillingen, em Areia-PB.

Em sua narrativa de memória, Irmã Ana reforça continuamente o desejo

para a vida religiosa desde os dezessete anos de idade. Os pais eram muito piedosos e as influências de seu grupo familiar, somadas às advindas com a convivência com as cinco freiras fundadoras do Colégio Normal Francisca Mendes (Irmholda Brumm, Gonzalez Hermann, Urbana Schöberl, Engelsindis Holfelder e Siegfrieda Heinrich)⁶ talvez tenham concorrido para a sua escolha vocacional. Contudo, tendo, de início, manifestado o desejo aos pais, estes foram contrários por achá-la muito jovem. A família também se encontrava fragilizada com a perda de Terezinha, irmã mais nova de irmã Ana, que falecera aos doze anos de idade, em outubro de 1951.

Assim, em 11 de fevereiro de 1958, após receber licença dos seus pais, é acolhida como candidata à vida religiosa pelas Irmãs Franciscanas de Dillingen, no convento de Areia-PB, onde paralelamente à formação para a vida religiosa, realiza o Curso Pedagógico e atua como professora no Ginásio Santa Rita⁷. Após a emissão dos votos religiosos, é transferida, em fevereiro de 1962 para o CNFM.

Designada para auxiliar na secretaria da escola, permanece pouco tempo nessa função, passando a ensinar matemática no Curso Ginásial, desenho no Ginásial e no Normal, Higiene e Puericultura no 4º Normal Regional e Ensino Religioso no 3º ano primário. Continua evoluindo em seu processo de formação profissional buscando cursos de especialização em João Pessoa e em Belo Horizonte, de modo que se capacita para lecionar todas as Didáticas do Curso Pedagógico do CNFM. Em 1973, tendo passado no vestibular da Universidade Federal da Paraíba para o Curso de Pedagogia é transferida para a Escola Sesquicentenário, onde por quatro anos trabalha lecionando a Matemática.

⁶ Irmholda Brumm, Gonzalez Hermann, Urbana Schöberl, Engelsindis Holfelder e Siegfrieda Heinrich: freiras fundadoras do Colégio Normal Francisca Mendes em 1939, oriundas do distrito de Dillingen, Alemanha e emigradas ao Brasil devido às perseguições às ordens religiosas promovidas pelo ditador nazista Adolf Hitler, durante a II Guerra Mundial. Sobre a história das Irmãs Franciscanas de Dillingen, consultar Ir. Michaela Haas, OSF. História das Irmãs Franciscanas de Dillingen – Rio de Janeiro: Edição da Divina Providência no Brasil, 2000.

⁷ Para conhecer mais sobre a história do Ginásio Santa Rita, atual Colégio Santa Rita de Areia - PB, consultar: CORREIA, Maria Ivete Martins. Educação católica, gênero e identidades: O Colégio Santa Rita de Areia na História da Educação Paraibana (1937-1970). 2010. 366f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

A fotografia em destaque (Figura 3) é um registro imagético documental da formatura em nível de ensino superior de Irmã Ana. Ao terminar o Curso de Pedagogia com habilitação para Administração Escolar, Supervisão Escolar e Prática Pedagógica que lhe concede a possibilidade de ensinar a Psicologia da Educação, Sociologia da Educação e Didática Geral, retorna à Catolé do Rocha, em janeiro de 1977, ocasião em que lhe é confiado o trabalho de Administração Escolar do Colégio Normal Francisca Mendes, função que realiza desde aquele ano até os dias atuais, com pequenas ausências devido às solicitações de sua ordem religiosa.

Figura 3: Irmã Ana (ao centro) na formatura do Curso de pedagogia da UFPB. João Pessoa-PB, 1976



Fonte: Arquivo de Irmã Ana

Ao final desse breve relato (auto)biográfico, é possível refletir a partir de Pollack (1992) que a memória se constitui por acontecimentos, mas também por personagens e lugares. Quanto aos personagens, esses podem ser aqueles realmente encontrados no decurso da vida, como os que também podem ser frequentados por tabela. Podem, ainda, não terem pertencido ao espaço-tempo da pessoa, mas com ela manter, por algum motivo, uma relação de proximidade. O mesmo acontece com relação aos lugares de memória. Ou seja, esses três elementos da memória: acontecimentos, personagens e lugares estão intrinsecamente relacionados ao pertencimento, à identidade com determinado

grupo ou grupos.

É possível também, inicialmente, visualizar que Irmã Ana, ao chegar em Catolé do Rocha no ano de 1941, começa, nessa localidade, a construir uma história que progride, paulatinamente, para uma prática sociocultural com grande representação naquela região, ao constituir-se como religiosa da Ordem Franciscana de Dillingen e educadora com atuação ativa, sobretudo à frente da administração do CNFM. Esta instituição tem contribuído, em dada medida (visto ser uma instituição particular), ao longo dos anos, com a formação da sociedade catoleense, bem como das sociedades que fazem parte de seu entorno geográfico, sobretudo no que se refere ao período compreendido entre o final da primeira e o início da segunda metade do século XX, em que o colégio funcionava com internato, recebendo alunas de várias localidades da Paraíba, tais como: Brejo do Cruz, São Bento, Riacho dos Cavalos, Jericó, Brejo dos Santos, Bonsucesso, Cajazeiras e até Soledade.

Irmã Ana traz consigo e repercute em sua prática educativa as marcas da educação recebida no seio familiar, nos primeiros anos de escolarização vivenciados no Grupo Escolar Antônio Gomes, nos anos do Curso Normal Regional e convivência direta com as Irmãs Franciscanas de Dilligen, no decurso de sua graduação em Pedagogia, na UFPB; assim como dos dogmas de sua ordem religiosa. É fato, inclusive, que a atuação e ensinamentos daquela tiveram e têm um alcance para além dessas fronteiras, uma vez que os alunos(as) nesta escola formados(as) migraram ou ainda migram para diferentes cidades do estado e até de outros estados, levando consigo os valores e aprendizados construídos nessa experiência educativa e os disseminando entre outros sujeitos sociais com os quais interagem.

Detalhes de uma vida

Além dos relatos orais, outros acervos documentais têm-se constituído como importantes fontes e contributos para a pesquisa historiográfica, tais como

os vídeos e as fotografias que, sobretudo, pela ótica e testemunho do biografado e/ou pela capacidade investigativa e interpretativa do biógrafo, oferecem valiosas leituras e informações de tempos idos. As fotografias, por exemplo, carregam histórias que podem ser revividas e recontadas a um simples reolhar, apresentando, também, signos capazes de subsidiar análises reflexivas sobre os conflitos humanos e as relações exercidas em sociedade, residindo aí o seu contributo científico, o que a diferencia da arte. Aquele que participou do evento fotográfico ou que sobre ele foi comunicado ou, ainda, sobre o qual se debruçou de forma investigativa, usará a fotografia, ancorada pela memória, por sua experiência e/ou por suas próprias percepções e conhecimentos, para fazer leituras e, possivelmente, explicar fatos, estruturas e convenções de um passado vivido e/ou compreendido.

As fotografias evocam as memórias e são provas cabais das experiências vividas. No entanto, possibilitam leituras polissêmicas, as quais são ativadas diversamente pelos indivíduos que as observam, sobretudo, se não estiveram presentes ou tomaram ciência dos momentos retratados. A partir dessa compreensão, trazemos uma das fotografias apresentada por Irmã Ana (Figura 4) que retrata um fragmento de sua passagem pelo Convento de Areia-PB, quando se preparava para a vida religiosa, juntamente com outras jovens. Ao olhar para a foto, ela mesma faz referência aos nomes de algumas das colegas e à freira que está localizada ao centro, a Irmã Siegfrieda Heinrich, então mestra do noviciado. Sem a sua leitura particular seria mais difícil se fazer referência ao teor do registro imagético, contudo, outros elementos seriam passíveis de uma análise mais aprofundada, afinal, as fotografias registram momentos de vida vinculados a um tempo histórico específico, determinado por características referentes ao contexto econômico, sociocultural, político, religioso, enfim, ao contexto da época, de um modo geral.

Figura 4: Irmã Ana (segunda da terceira fileira de baixo para cima), no convento das franciscanas de Dillingen, como candidata à vida religiosa.



Fonte: Arquivo de Irmã Ana.

Há alguns elementos, na fotografia acima, que nos chamam a atenção, a exemplo das vestimentas e posicionamento para a lente do fotógrafo. De cima para baixo, as moças estão de blusa branca em pé, em cima de algo elevado. Duas, no alto do lado esquerdo, estão se entreolhando. Na fileira de baixo, já estão com uma capa por cima da blusa branca e no centro está a freira, Irmã Siegfrieda Heinrich. Ainda tem uma que está com a cabeça inclinada para baixo e braços cruzados. A terceira depois desta sorrindo com a cabeça inclinada para o lado direito, na direção da freira. Já na fileira seguinte, elas estão ajoelhadas, algumas com capa e outras sem. E na última fileira, elas estão sentadas e com capas. O local também nos chama a atenção, pois a foto foi realizada no espaço aberto com gramado e próximo a uma construção.

A partir de um olhar mais cuidadoso sobre essa fonte, a fotografia, levantamos algumas questões, que no momento em que se tinha em mão não foi possível obter das memórias da Irmã Ana: O que motivou a registrar por meio da fotografia esse momento? Como foi a preparação para isso? Quem foi o fotógrafo? Quem organizou as posições para o registro? A partir destas questões e tantas outras nos fazem pensar por meio de Barthes, quando se refere ao conhecimento cultural que o espectador possui, denominado de *studium*:

É pelo *studium* que me interessa por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos: pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*) que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações. (BARTHES, 1984, p. 45)

Outros elementos, segundo o autor, podem passar despercebidos pelo olhar de um observador, enquanto para outro poderão constituir-se em pontos de atração e até mesmo de identificação, conferindo-lhe uma “experiência de aventura”. Esse detalhe Barthes denominou de *punctum* e sobre ele afirmou:

Um detalhe conquista toda minha leitura; trata-se de uma mutação viva de meu interesse, de uma fulguração. Pela marca de *alguma coisa* a foto não é mais *qualquer*. Esse *alguma coisa* deu um *estalo*, provocou em mim um pequeno abalo, um *satori*, a passagem de um vazio (pouco importa que o referente seja irrisório). (BARTHES, 1984, p.77)

Importa destacar, seguindo-se as reflexões de Barthes (1984), que a fotografia engloba elementos objetivos e subjetivos. Nem toda foto apresenta um *punctum*, pois este somente será acionado a partir de critérios subjetivos, o que não se aplica ao *studium*, relacionado diretamente a modismos, convenções sociais e culturais. Contudo, toda fotografia fala de uma verdade. Para o autor, ela representa, em sua essência, o estatuto do real. Porém, como enfatizam Ciavatta e Alves (2004, p. 11): “A imagem, por si, não oferece inteligibilidade, ela deve ser explicada.” Nesse sentido, é preciso explorar em seu ofício todo o potencial da fotografia no desenvolvimento da pesquisa historiográfica e a narrativa oral, os relatos de memória dos sujeitos que tomaram parte do evento têm um valor significativo nessa tarefa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apresentados, os conhecimentos pedagógicos difundidos por Irmã Ana, que se dedicou por mais de cinco décadas à formação de professores por meio do Curso Normal oferecido pelo Colégio Normal Francisca Mendes em Catolé do Rocha-PB, formando um número expressivo de professores, seja direta ou indiretamente. Esta educadora teve a sua contribuição no cenário da profissão docente de Catolé do Rocha, da Paraíba e,

possivelmente, de outras localidades geográficas para onde migraram alguns daqueles, fazendo-se professores, atuando nas redes educacionais públicas ou privadas e de alguma forma contribuindo com a formação humana de muitos outros sujeitos.

No sentido de revelar o indivíduo, mas também a época e a sociedade em que viveu (BORGES, 2006, p. 2015), a breve narrativa memorialista aqui destacada, além do registro historiográfico do papel de Irmã Ana na divulgação e na circulação de saberes e práticas educacionais no município de Catolé do Rocha-PB, fornece elementos, vestígios e fontes que poderão possibilitar uma maior compreensão acerca da organização sociocultural catoleense e paraibana no espaço-tempo analisado.

Outrossim, o reconhecimento da importância do registro da memória feminina é uma questão fundamental na historiografia contemporânea e a abordagem (auto) biográfica, em sua prática do desvio, tem possibilitado a inscrição do nome de muitas mulheres na escrita da história, atestando seus protagonismos em seus espaços-tempo. Contudo, ao estudar as questões de gênero, no que concerne ao passado, é necessário a sensibilidade para compreender o funcionamento social, independente dos seus próprios julgamentos e concepções particulares, evitando a imposição de pressupostos do presente na interpretação de fatos do passado. Segundo Barman:

Temos de abordar o passado com o que se pode denominar uma visão dúplice. Primeiramente, é preciso entender e, portanto, respeitar a cultura da sociedade estudada, por mais que dela discordemos. Efetivamente, devemos permitir que as pessoas e os grupos do passado falem ao presente com sua própria voz. A segunda tarefa consiste em situar o tópico escolhido num contexto histórico mais amplo e, a seguir, empreender uma análise conceitual suficientemente aberta e flexível para levar em consideração e explicar o funcionamento da sociedade estudada. (2005, p. 22)

A relevância acadêmica da pesquisa (auto)biográfica aqui apresentada é reforçada pelo desenvolvimento de atividades no âmbito da memória histórica

local e regional, sobretudo no que concerne à atuação docente, uma vez que prevê a coleta de depoimentos para reconstituir a trajetória dessa educadora do sertão paraibano, na tentativa de “mostrar a significação histórica geral de uma vida individual” (LE GOFF, 1989, p.49-50). Poderá contribuir, assim, com a constituição do campo da História da Educação Paraibana.

REFERÊNCIAS

- BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX**. Trad. de Luiz Antônio de Oliveira Araújo. São Paulo: ed. UNESP, 2005.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Trad. Júlio de Castro Guimarães. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BORGES, Vavy Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. 2º ed. São Paulo: ed. Contexto, 2006.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: ed Unesp, 2012.
- CAMARGO, Aspásia. **Quinze anos de história oral: documentação e metodologia**. Apresentação da primeira edição. In: ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 20, n. 67, p. 153-182, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- CORREIA, Maria Ivete Martins. **Educação católica, gênero e identidades: O Colégio santa Rita de Areia na História da Educação Paraibana (1937-1970)**. 366f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- DOSSE, François. **A História em Migalhas: dos Annales à Nova História**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- HAAS, Ir. Michaela, OSF. **História das Irmãs Franciscanas de Dillingen**. Duque de Caxias - RJ: Editora da Prov. da Divina Providência no Brasil, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- KULESZA, Wojciech Andrzej. **Para além da conversa**. In: VASCONCELOS, José Gerardo e NASCIMENTO, Jorge carvalho do. (Orgs). História da educação no nordeste brasileiro. Fortaleza, CE: UFC, 2006, p. 182-189.

- LE GOFF, Jacques. **Comment écrire une biographie historique aujourd'hui.** Le Débat, 54, p. 48-53, 1989.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura (1887-1945).** São Paulo: ed. Ática, 1984.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 1996.
- NEVES, Lucília de Almeida. **História Oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p.3-15.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992.
- QUEIROGA, Ir. Maria Ana Fernandes. **Dados Biográficos.** Documento manuscrito, 2016.
- QUEIROGA, Ir. Maria Ana Fernandes. **Entrevista concedida a Iolanda de Sousa Barreto.** Catolé do Rocha/PB, 27/06/2017.
- SHARPE, Jim. **"A História vista de baixo".** In: BURKE, Peter. **A escrita da História: Novas Perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992.